

DE DIRIGENTES E DE DIRIGIDOS: O PROCESSO DE ESPETACULARIZAÇÃO DO FUTEBOL E A SOCIOGÊNESE DOS DIRIGENTES

Luiz Guilherme Burlamaqui Soares Porto Rocha¹
Leticia Costa Marcolan²

RESUMO: O objetivo deste artigo é analisar uma das faces ainda pouco estudadas do processo de profissionalização do futebol nacional: a sociogênese dos dirigentes de futebol. A partir de depoimentos de história oral e de periódicos, especialmente o *Jornal dos Sports*, o estudo argumenta que a divisão entre dirigentes e jogadores consolidou-se após a profissionalização, e é resultado de uma estratégia coordenada pela FIFA e outras Federações para que os dirigentes pudessem monopolizar os lucros simbólicos associados às vitórias de clubes e seleções nacionais.

PALAVRAS-CHAVE: Dirigentes de futebol. Espectacularização do futebol. FIFA.

OF LEADERS AND THE LED: THE PROCESS OF THE SPECTACULARIZATION OF FOOTBALL AND THE SOCIOGENESIS OF FOOTBALL MANAGERS

ABSTRACT: The aim of this article is to analyze one of the less studied aspects of the professionalization process in national football: the sociogenesis of football managers. Based on oral history interviews and periodicals, especially *Jornal dos Sports*, this study argues that the division between managers and players became entrenched after professionalization and resulted from a strategy coordinated by FIFA and other federations, allowing executives to monopolize the symbolic profits associated with club and national team victories.

KEYWORDS: Football managers. Football spectacularization. FIFA.

DE DIRIGENTES Y DIRIGIDOS: EL PROCESO DE ESPECTACULARIZACIÓN DEL FÚTBOL Y LA SOCIOGÉNESE DE LOS DIRIGENTES

RESUMEN: El objetivo de este artículo es analizar una de las facetas aún poco estudiadas del proceso de profesionalización del fútbol nacional: la sociogénesis de los dirigentes de fútbol. A partir de testimonios de historia oral y de publicaciones periódicas, especialmente el *Jornal dos Sports*, el estudio argumenta que la división entre dirigentes y jugadores se consolidó después de la profesionalización, como resultado de una estrategia coordinada por la FIFA y otras federaciones para que los dirigentes pudieran monopolizar las ganancias simbólicas asociadas a las victorias de clubes y selecciones nacionales.

PALABRAS CLAVE: Dirigentes de fútbol. Espectacularización del fútbol. FIFA

¹ Instituto Federal de Brasília. E-mail: luiz_burlamaqui@hotmail.com

² FGV CPDOC. E-mail: lcmarcolan@gmail.com

Introdução

Carlos Eduardo Sarmiento: Mas, por que o seu pai não queria que o senhor jogasse futebol?
João Havelange: Porque havia profissionalismo.
(Havelange, 2012).

A epígrafe acima é parte de uma entrevista concedida por João Havelange, ex-presidente da FIFA, Federação Internacional de Futebol, e da CBD, Confederação Brasileira de Desportos. O nosso recorte chama atenção para o momento em que Havelange explica a razão do desengajamento da prática do futebol, por volta do ano de 1932. Tendo dedicado-se a este esporte na infância e adolescência, o dirigente chegou a ser campeão estadual pelo time de juniores do Fluminense Football Club em 1931, com mais de 1,90, ele se aproveitava do porte físico para jogar como beque esquerdo. Embora pudesse ter evoluído no esporte, João Havelange, preferiu renunciar a prática futebolística para atender a um pedido do pai, Faustin Joseph Godefroid Havelange. Em paralelo ao abandono dos gramados, ele passaria a dedicar-se cada vez mais a outro esporte, a natação. Esse episódio, recontado em diversas ocasiões, assumiu contornos dramáticos em uma delas, em seu leito de morte, o pai de Havelange, lhe teria feito um último pedido: “não se esqueça de ir preparado para os Jogos Olímpicos” (Pereira; Vieira, 2010, p. 189).

Mais do que uma anedota sobre a vida do dirigente brasileiro, o trecho acima revela o duplo efeito da institucionalização da profissionalização do futebol no Brasil (Damo, 1998; Burlamaqui, 2013; 2019). Na década de 1930, com o fim das proibições formais de participação de segmentos populares, leia-se pobres e negros, nos departamentos de futebol dos principais clubes do país, assistiu-se, por um lado, a uma transformação do perfil social dos jogadores. Por outro, esse também foi um momento de migração dos grupos de elite para a prática de esportes que ainda conservavam o estatuto amador, como o

tênis, a natação, o basquete, o atletismo, o judô, esportes refinados e requintados, ainda não dominadas pelas classes subalternas. Em especial e para além disso, observou-se, a formação de um grupo distinto e distintivo voltado estritamente para a gestão do futebol. Vale a pena, mais uma vez, evocar a figura de João Havelange, que em sua trajetória, após a profissionalização do futebol, não somente abraçou os esportes olímpicos, mas, anos mais tarde, passaria a se dedicar ao futebol exclusivamente como dirigente.

A essa altura, é importante compreendermos que a cisão entre “aqueles que jogam” e “aqueles que organizam” a prática futebolística, ou melhor, entre os dirigidos e os dirigentes, só foi possível graças a constituição mínima de um mercado de bens esportivos e simbólicos, estabelecendo uma relação entre oferta e uma demanda, como explica Bourdieu (1990). Seguindo o argumento construído pelo sociólogo, a separação progressiva entre o esporte-amador e o esporte-espetáculo tende a fragmentar a divisão de trabalho no interior do campo esportivo profissional: são criadas categorias quanto maior for o campo em que gravita o futebol de massas (Bourdieu, 1990). Em vista disso, uma das principais consequências diretas do que se convencionou chamar de fenômeno de esportivização é a formação de um mercado futebolístico capaz de engendrar, em seu interior, formas novas de divisão de trabalho, autonomizando segmentos e setores que passam a gravitar em torno do campo esportivo.

Uma das faces do processo de profissionalização, o que, grosso modo, chamamos de popularização, já foi amplamente debatida nos estudos acadêmicos sobre o esporte³. Neste artigo, trataremos do outro

³Vale ressaltar que a profissionalização e a popularização do esporte são processos que, por vezes, se complementam, mas também podem assumir dinâmicas dialéticas. Para compreender essas diferenças, recomendamos a leitura de bibliografia que aborda as variações regionais no Brasil, onde o futebol se desenvolveu de formas distintas. Uma boa introdução ao tema é o trabalho: MAYOR, Sarah Teixeira Soutto; RAMOS, Danilo da Silva; SILVA, Silvio Ricardo da. O Lugar do Amadorismo em Tempos de Profissionalismo no Futebol da Cidade de Belo Horizonte (Décadas de 1930 e 1940). *LICERE - Revista Do Programa De Pós-graduação Interdisciplinar Em Estudos Do Lazer*, v. 25, n. 3, 2022.

lado dessa moeda, o nosso objetivo, portanto, é discutir sobre aqueles que passaram a ser rigorosamente gestores do jogo. Em termos histórico-sociológicos, o nosso objetivo é discutir a sociogênese dos dirigentes de futebol, entendida por nós como o contraponto histórico da gênese do jogador profissional e que, ao contrário dos atletas, conservou o estatuto amador. Justamente quando o futebol se profissionalizou, foi preciso reforçar sua condição de amadores, de modo a assegurar a hierarquia e as posições de mando no interior dos clubes.

Para isso, na primeira parte do nosso texto discutiremos de forma introdutória sobre as origens e representações acerca do termo “cartola”, expressão comumente utilizada para referir-se aos dirigentes esportivos no Brasil. A partir dos diversos significados atribuídos ao termo veremos, que inicialmente, não havia um recorte de classe social e de ideologia entre os dirigentes de futebol e os jogadores. Essa clivagem, que será discutida na terceira seção, só se tornou possível com a institucionalização do profissionalismo entre os futebolistas. Antes disso, contudo, de forma panorâmica, apresentaremos o ambiente histórico em que os dirigentes de primeira geração estão imersos. Nesse sentido, é essencial entender o significado do futebol e, sobretudo do clube, como peças do “jogo da distinção” e sobretudo, este último, como um espaço formativo. Na última parte, como já adiantamos, trataremos do processo de separação entre organizadores e praticantes do futebol, impulsionado pela profissionalização desse esporte. Com isso, a hipótese é de que as camadas abastadas das quais os primeiros jogadores de futebol eram recrutados acabariam migrando do campo para as salas da presidência. Ademais, a segunda geração dos filhos da primeira geração de futebolistas acaba optando por praticar outros esportes ainda amadores.

Os “cartolas”

Figuras amplamente debatidas na mídia especializada, os dirigentes esportivos e suas representações permeiam o imaginário

futebolístico nacional. No país do futebol, decerto, escasseiam os torcedores, sobretudo, os mais intelectualizados, que não tenham opinião, teses e teorias sobre o presidente de seu clube. A “falação”⁴ acerca dos dirigentes esportivos, contudo, não se traduziu em estudos acadêmicos. Se, felizmente, já não se pode iniciar os trabalhos sobre futebol queixando-se da escassez de pesquisas, ainda não podemos escrever o mesmo em relação à temática dos dirigentes esportivos. Recentemente, esse panorama começou a ser alterado⁵.

Na historiografia sobre o futebol brasileiro, por sua vez, é possível que uma das primeiras aparições da figura do “cartola” tenha sido no obra memorialística *Grandezas e misérias do nosso futebol*. Publicado em 1933, o livro escrito pelo ex-jogador Floriano Peixoto Correa denuncia as práticas nefastas dos dirigentes esportivos. De acordo com Hollanda (2008, p. 123), a ilustração nas primeiras páginas do livro “traduzia de forma ainda mais taxativa a imagem caricatural do cartola, visto sob um prisma maniqueísta e estereotipado”, pois, nela ao centro, aparece representando a “cartolagem” “[...] um homem de riso cínico, com seu charuto imponente, portando terno e gravata, locupletando-se com vultosos sacos de dinheiro”.

Lembremos inclusive que, o próprio uso do termo “cartola” para referir-se a figura do dirigente de clube e/ ou entidade esportiva enfatiza

⁴Sobre o termo “falação”, cunhado originalmente por Umberto Eco, ver: Hollanda (2013).

⁵Dentre elas, merece destaque os trabalhos: GODIO, Matias. *“Somos hombres de platea”*: a sociedade dos dirigentes e as formas experimentais do poder e da política no futebol profissional em Argentina. 2010. 433 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010; ROCHA, Luiz Guilherme Burlamaqui Soares Porto. *A outra razão*: os presidentes de futebol entre práticas e representações. 2013. 232 f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013; ROCHA, Luiz Guilherme Burlamaqui Soares Porto. *A dança das cadeiras*: a eleição de João Havelange à presidência da Fifa (1950-1974). São Paulo: USP-Capes/Intermeios, 2020; FERREIRA, Deivid da Silva. *Os dirigentes dos clubes de futebol em Caxias do Sul*: formação e memórias de uma elite regional (1968-1989). Dissertação (Mestrado em História) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2020. MARCOLAN, Letícia. *“O profeta vascaíno”*: a ascensão política de Eurico Miranda no Club de Regatas Vasco da Gama (1986-2001). 2024. 142 f. Dissertação (Mestrado em História) - Escola de Ciências Sociais, Fundação Getulio Vargas, Rio de Janeiro, 2024.

certo tom do perjúrio. Uma vez que, de um simples acessório da indumentária a um verdadeiro totem às avessas de um grupo, o emprego do apelido carrega o intuito de ironizar o estilo supostamente refinado das elites esportivas. Se quiséssemos evocar um tema relativamente caro ao pensamento social, poderíamos auferir que ali fora construída uma dualidade entre as “formas importadas” e a “realidade nacional”, fazendo blague das elites. Não estamos longe, aliás, das representações sobre as formas primordiais de recepção do futebol no Brasil. Há um consenso entre jornalistas, antropólogos e historiadores de que quando o jogo de bola com pés aportou ao Brasil, operava à maneira de um verdadeiro “produto de importação” (Lopes, 1994), destinado a se converter numa mercadoria consumida pela estética refinada das elites sempre tão ciosas em impor à força os padrões de civilidade europeus à nação brasileira.

Dessa forma, bastante antiga no imaginário popular, a utilização do termo “cartola” acabou incorporada em diversos dicionários cultos da língua portuguesa⁶. Conforme já observado por Holanda (2012), trata-se de um termo polissêmico: abarca um conjunto ampliado de dirigentes esportivos, desde aqueles que transitam na burocracia estatal, quanto os que pertencem ao universo clubístico em seu sentido mais estrito do termo. Basta pensar, segundo o autor, em nomes como, Vargas Neto, que foi presidente da Federação Metropolitana de Futebol do Rio de Janeiro, Rivadavia Correa Meyer, presidente do Botafogo na década de 1930, Lourival Fontes, chefe da delegação da Seleção Brasileira de Futebol na Copa de 1934, Arnaldo Guinle proprietário de um valioso patrimônio arquitetônico no Rio de Janeiro, no qual se incluía as sedes do

⁶Segundo o dicionário Aurélio, por exemplo, Cartola [De quartola]. S.f. 1. Var. de quartola. 2. Chapéu masculino de copa alta e cilíndrica, e cor preta, luzidia, de uso em solenidades. [Sin. Bras., nesta acepção: catimplora, jaca]. 3. Qualquer chapéu duro, grande e ridículo. 4. Brasil., N. E. Sobremesa feita de banana frita, aberta ao meio, com uma fatia de queijo assado por cima e polvilhada de açúcar e de canela. 5. Gír. Individuo de posição elevada, desprezador das opiniões e tendências populares; grã-fino. 6. Bras. Gíria depreciativa. Dirigente de clube ou entidade esportiva: “o jogador é um homem à mercê do clube e dos cartolas” (Correio da Manhã, 5/11/1970). Fonte: Dicionário Aurélio Buarque de Holanda.

Fluminense Football Clube, além de presidente do clube (Hollanda, 2012, p. 123).

Quanto à origem do termo, são muitas as divergências, não havendo, por sinal, nenhum mito fundador único, mas um conjunto de histórias desconexas entre si aparentemente. Na visão mais contemporânea, relativamente difundida entre os meios de comunicação, atribui-se ao chargista argentino Molas, contratado por Mário Filho no decênio de 1940, a difusão do personagem que se converteu em uma espécie de totem da agremiação aristocrática das Laranjeiras, o Fluminense Football Club.

De acordo com o jornalista Sérgio Augusto, porém, foi o goleiro anglo-brasileiro Francis Walter “não por acaso tricolor”, o primeiro presidente da Liga Metropolitana de Futebol, nascida em 1906. O fato é que ele teria sido mesmo:

[um] cartola avant-la-lettre, pois a expressão ainda não existia naquela época. Só em 1917, ela entraria no léxico futebolístico, curiosamente, através do Botafogo. Na ânsia de receber à inglesa a equipe uruguaia do Dublin, os dirigentes botafoguenses pisaram o gramado de General Severiano vestidos como políticos, de fraque e cartola, proporcionando ao distinto público presente um espetáculo ridículo. [...] A imprensa esportiva não perdoou e pespegou nos garridos próceres alvinegros a alcunha de que seus pares nunca mais desgrudou (Augusto, 2004, p. 70).

Além destas duas versões, foi possível localizar uma terceira: numa reportagem do *Jornal dos Sports*, em 1975, o cronista Geraldo Romualdo da Silva nos fornece a última interpretação aqui abordada. Em suas representações, diferentemente do que vimos acima, o cronista associa os cartolas ao ideário da pureza, do trabalho e do sacrifício. Nessa reportagem, homens como José Bastos Padilha, Gilberto Cardoso e Carlito Rocha, os dois primeiros presidentes do Clube de Regatas do Flamengo e o terceiro do Botafogo de Futebol e Regatas, aparecem como os “representantes de uma das benemerências mais puras que o mundo

já conheceu” (Jornal dos Sports, 27/12/1975, p. 12). Entretanto, não custa ressaltar, que pelo menos na imprensa especializada, tal ponto de vista, cairia em largo desuso em finais da década de oitenta face às transformações da imprensa esportiva e do próprio futebol, sendo progressivamente substituídas por aquelas mais conhecidas por nós: a representação nefasta do cartola como aquele homem que tudo pode, dominado pela *hybris* e marcado pelo desejo de poder, sendo, no limite, um empecilho à emergência do futebol empresa. Exemplo dessa perspectiva, pode ser localizada no livro *Como o futebol explica o mundo*. Nessa obra, em um capítulo dedicado à “sobrevivência dos cartolas”, o americano Franklin Foer, tem como referência Eurico Miranda, em suas palavras, o “principal ícone de São Januário” (Foer, 2005, p. 105). Esse ícone, contudo, seria o responsável pelas mazelas enfrentadas pelo seu clube e pelo futebol brasileiro, como um todo. E, nem mesmo Pelé, foi capaz de “salvar o esporte do domínio funesto dos cartolas” (Foer, 2005, p. 110).

Mas, mais do que isso, o que nos interessa aqui é que para Geraldo Romualdo da Silva, a origem do termo remete à criatividade do cronista Dão, Diocesano Ferreira Gomes, do *Correio da Manhã*, que cunhou o termo a partir das suas experiências e relacionamentos com dirigentes de futebol. Especialista em cobrir os esportes olímpicos, o cronista, que diz detestar futebol, na sua entrevista de 1973 depositada no Museu da Imagem e do Som, também atribui a si mesmo a criação e gênese do termo, mas ele nos dá uma versão distinta do seu companheiro de profissão. Nesta entrevista, o cronista nos diz que tal termo surgiu por conta de uma competição de natação que cobriu no final dos anos vinte quando trabalhava no *Correio da Manhã*. Em tal competição, os dirigentes do Fluminense ficaram o tempo todo à beira da piscina, de casaca e de cartola, de onde adviria o termo. Na visão de Geraldo Romualdo da Silva, por sua vez, foi “na sua santa astúcia, Dão fez nascer também a expressão Cartola, um derivativo do Fluminense para designar

o dirigente emproado com função destacada dos clubes e no tapetão da Liga”. Prossegue o cronista:

No Brasil, a existência do cartola data das primeiras bolas que Charles Miller levou para São Paulo e Oscar Cox trouxe para o Rio. Na verdade, antes mesmo de se tornarem jogadores, eles eram, acima de tudo, cartolas (Jornal dos Sports, 27/12/1975, p. 12).

Sabemos que pouco importa proceder a um esforço de escavação arqueológica de fontes à caça do primeiro presidente de clube, o que seria incorrer no erro de tentar buscar um marco zero, “o ídolo das origens” (Bloch, 2001). Há, porém, nessa diversidade de discursos, um fato comum que, por ora, nos interessa: o de que no princípio os próprios jogadores fossem os responsáveis diretos pela organização futebolística. Não havia uma separação estrita entre aqueles que jogavam e aqueles que geriam a prática do futebol. São os próprios atletas como Charles Miller, Oscar Cox, Francis Walter os responsáveis diretos tanto pela gestão quanto pela prática do espetáculo. Diferente da acepção que nós temos hoje sobre o futebol, os primeiros praticantes desse jogo, em sua maioria, egressos de famílias abastadas da sociedade, entendiam o esporte como um traço de distinção social. As associações clubísticas, assumem assim um papel central, sendo o lugar social de origem dos dirigentes de futebol, são espaços formativos da *ethos* dirigençial. Mas, isso tudo é assunto para a próxima do nosso texto.

O jogo da distinção

Se por um lado, como vimos anteriormente, o simbolismo da cartola fora carnavalizado diante do absurdo contraste entre essa forma de vestir-se, quente, formal e tipicamente inglesa e as condições possíveis de seu uso num país como o nosso, e por isso, transformada de forma caricatural em apelido para caracterizar os dirigentes. Por outro, nos primeiros anos da chegada da prática futebolística no Brasil, o acessório

era considerado um signo de diferenciação social, bem como, a prática do futebol. Não é novidade alguma, que este esporte quando chegou ao nosso país fazia parte de uma espécie de “jogo da distinção”, como bem observou Pereira (2000), prestando-se a afirmar hierarquias e realçar desigualdades. Dessa forma, associados, o uso da cartola e a prática esportiva, eram capazes de constituir todo um “estilo de vida” (*eidos*) moderno que as camadas abastadas do período julgavam reproduzir. A gênese desse novo modo de vida tem que ver com a emergência também de um novo padrão de sociabilidade constituído na virada do século XIX para o XX.

Novas formas de diferenciação social eram necessárias pois, justamente nesse período, em linhas gerais, podemos considerar que o Brasil passava por um momento marcado pela dissolução das hierarquias nobiliárquicas imperiais, e pela igualização dos indivíduos, pelo menos, sob o plano jurídico. Processo propiciado pelo fim da escravidão, em 1888 e pela Proclamação da República, que aconteceu um ano depois, em 1889. Dessa forma, preocupada com o “surto de igualitarismo jurídico” (Freyre, 2004, p. 142), para a elite, era necessário inventar novas maneiras de marcar certas desigualdades hierárquicas. O sociólogo-historiador Gilberto Freyre, por exemplo, trata este período como marcado pelo esmero com hábitos considerados até então de menor importância: “[...] o do asseio, o da limpeza, o do apuro na higiene pessoal, no traje e no calçado, o da elegância burguesa ou aristocraticamente europeia nas modas” (2004, p. 142).

Os hábitos privados do asseio guardam conexão com determinado espírito de época em que se defendia “regeneração da raça brasileira”. Pautado pelas teorias higiênicas, pelo ideal do corpo são na mente são, o esporte, se fazia como o espaço privilegiado de propagação de certos valores que começavam a avançar a arena pública. Como afirma Pereira (2000), aparecia como a resposta necessária, uma vez que, afirmava a “superioridade natural” de determinados indivíduos, aqueles “adeptos de uma boa educação física”, sobre os que “mantivessem seu apego à

preguiça e ao marasmo que seriam uma das marcas do caráter nacional”, assim, prossegue o autor, “dava aos jovens elegantes a oportunidade de buscar, nos campos, a justificativa moral para sua superioridade que se perdera no final do século XIX” (Pereira, 2000, p. 87).

No limite, o ápice deste processo seria o que Damo (2005) definiria como a “onda associacionista”, que culminaria com a fundação de uma série de clubes recreativos e esportivos associados a certas couches sociais. Falamos de associações muito diversas, e não apenas aquelas de caráter elitico, embora estas sejam aqui que nos interessam. De qualquer forma, essa ideologia da associação atravessava a sociedade, já que era uma verdadeira moda social fundar e pertencer a alguma agremiação. No Rio de Janeiro, por exemplo, os principais clubes de futebol que conhecemos até hoje, foram fundados no fim do século XIX e início do século XX. Essas associações clubísticas, lugar social de origem dos dirigentes, eram verdadeiras “escolas”, como ressaltou Francisco Horta, cultuado presidente do Fluminense Football Club, na década de 1970. Em suas palavras:

O Fluminense era o meu segundo lar. Eu frequentava o Fluminense, que era uma grande escola. Você quando vai praticar um esporte, você começa a perceber que o esporte tem regras, e o menino convém que eles saiba que a vida tem regras, as regras não só são aquelas da casa, da família, nem da escola, onde ele estuda, os clubes tem regras, e os clubes ensinam muito. Exatamente na formação dos jovens associados, se aprende a cumprir regras. Você aprende o que é proibido, o que pode e o que não pode. Porque no esporte existe a regra “sim” e a regra “não”. Então isso é bom desperta a atenção de um menino ou de uma menina, porque quando chega a adolescência eles estão aculturados (Horta, 2012).

Outro exemplo, nesse mesmo sentido, é o de João Havelange que costumava repetir que seu caráter e aprendizado teriam sido moldados “no clube, na escola e na família” (Rocha, 2019, p. 164). Esses locais, nas palavras de Hilário Franco Júnior:

constituíam-se em espaços restritivos de formação, lazer e sociabilidade da elite, que procurava se fortalecer, num

movimento endógeno, por meio da difusão de vínculos de solidariedade e do consequente afastamento dos demais setores sociais. (Franco Júnior, 2007, p. 62-63)

Portanto, os clubes, que, no Brasil, ocuparam o espaço similar às *Public Schools* na Inglaterra, se constituíam como espaço de formação, identidade e solidariedade de classe, uma espécie de comunidade moral⁷ para a elite dirigente.

Em conjunto com o espírito da lógica da distinção, também era marca desses clubes a prática amadora dos esportes, transformada, mais tarde, em verdadeiro *ethos*. Formavam-se nos clubes esportivos ardorosos defensores desse modelo. A ética amadora, de acordo com o sociólogo Eric Dunning, tem como componente fundamental “o ideal da prática de desportos por divertimento” (Elias; Dunning, 1992, p. 313). Outros aspectos, tais como:

o *fair play*, a aderência voluntária às regras e a participação desprovida de qualquer interesse pecuniário são, no essencial, aspectos subordinados, designados no sentido de facilitar a concretização desse fim – fazer das provas desportivas combates simulados (Elias; Dunning, 1992, p. 313).

Podemos dizer ainda que, essa forma de praticar o futebol, é construída em torno de uma antinomia entre o futebol-lúdico e um o futebol-competição. Seguindo uma argumentação à Huizinga, “o espírito do profissional não é mais o espírito lúdico, pois lhe falta a espontaneidade, a despreocupação” (2007, p. 219), reforçando discurso nostálgico sobre o decadentismo dos valores da ludicidade frente ao avanço da racionalização e do futebol profissional. Sintomático dessa linha interpretativa, é o discurso de Marcos Carneiro de Mendonça,

⁷O conceito é livremente inspirado nas observações sobre Durkheim acerca das igrejas. “um colégio de sacerdotes não é uma igreja, como tampouco seria uma congregação religiosa que restasse a algum santo, na sombra do claustro, um culto particular. Uma Igreja não é, simplesmente, uma confraria sacerdotal – é a comunidade moral, formado por todos os crentes de uma mesma fé, tanto os fiéis quanto os sacerdotes”. DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1996.

goalkeeper e presidente do Fluminense, sobre a diferença entre o futebol moderno e o amador:

Marcos: Vosmicê joga bilhar?

Entrevistador: Mal, mal mal.

Marcos: Do Bilhar Francês? Eu fui um jogador forte de bilhar francês, e quase campeão aqui da cidade. E quem joga bilhar, conhece nitidamente qual jogador que joga pra amarrar, e o jogador que joga o jogo espontâneo, sem medir consequência de um golpe bonito, que ele procure dar no bilhar no domínio das 3 bolas, para fazer a sua exibição de jogo. É a diferença essencial entre o jogo amadorista de antigamente, e o profissionalista de hoje. Há entre os profissionais de hoje jogadores formidáveis, requintadíssimos, que não fazem outra coisa na vida senão pensar no futebol e serem orientados por técnicos. Mas eles não têm nunca, e não terão nunca, a liberdade que nós tínhamos como jogador que joga jogo livre sem preocupação de amarrar, em fazer um jogo bonito, floreado e etc. [...] (Mendonça, 1967).

Em resumo, para o tricolor, a emergência do futebol competição faz com que os jogadores sejam obrigados a jogar na busca da vitória a qualquer preço, enquanto no futebol-lúdico se joga tão somente pelo prazer de jogar. Assim, estamos diante de duas formas distintas de encarar a prática esportiva, uma “amarrada” e outra em que se joga de forma livre, supostamente. Dito de outra forma, nas palavras de Bourdieu, a filosofia desportiva do *fair play* “é a maneira de jogar o jogo dos que não se deixam levar pelo jogo a ponto de esquecer que é um jogo” (1983, p. 5). De acordo com o sociólogo, num plano mais amplo, as *Public Schools* inglesas, espaços da gênese do desporto moderno, eram espécies de “retiro do mundo” representando uma “dimensão fundamental do *ethos* das ‘elites’ burguesas que sempre se vangloriam de desinteresse e se definem pela distância eletiva – afirmada na arte e no esporte – em relação aos interesses materiais” (Bourdieu, 1983, p. 5).

Como último exemplo de valorização de tal *ethos*, poderíamos citar, uma historieta contada por Benjamin Sodré, que assim como, Marcos

Carneiro de Mendonça, também havia sido jogador de futebol e presidente do seu clube, no caso, o Botafogo. Mimi Sodré, como ficou conhecido, narra orgulhosamente que, num jogo entre Fluminense e Botafogo, recebeu o elogio que jamais seria capaz de esquecer. Observando o dirigente, a poetisa Anna Amélia Carneiro, vivamente impressionada pela postura fidalga de Benjamin Sodré, não pode deixar de fitá-lo com um cumprimento de dama: “Comandante, se eu não soubesse que o senhor era o presidente do Botafogo, eu não saberia dizer por quem o senhor torceu” (Sodré, 1975). Cravado na memória, o elogio de Anna Amélia ficou marcado por quase trinta anos em sua experiência afetiva de Benjamin Sodré:

Eu era presidente do Botafogo e nós perdemos. Motivo para eu estar mais exaltado. E perto de nós, tinha um padre que torcia para o Fluminense de uma maneira desagradabilíssima, de uma maneira violenta. [...] Mas nada me alterou e eu tive a honra de receber esse grande elogio da Anna Amélia que eu jamais esquecerei [...] (Sodré, 1975).

É interessante notarmos, que para além de olhar floreado acerca de um tempo em que as camadas sociais abastadas detinham o controle quase absoluto do futebol, a fala de Benjamin Sodré, assim como a de Marcos Carneiro de Mendonça, coloca em questão duas formas de díspares de encarar o futebol. Se o futebolista tricolor, escolheu falar dos diferentes modelos de jogo amador e o profissional, Sodré, tratou de comentar sobre diferentes os modos de “torcer” dessas matrizes. Em sua história, de um lado, a figura do padre que “torcia violentamente para o Fluminense”, representando os torcedores ávidos por emoções, engajado na dinâmica emocional do futebol espetáculo; de outro, a ideologia do *fair play*, o exclusivismo, o refinamento, uma “atitude distanciada” própria às camadas dirigentes. Egressos de famílias tradicionais do Rio de Janeiro, nas entrevistas que concederam ao Museu da Imagem e do Som, os dirigentes reportam-se a quase todos os símbolos do amadorismo: com quase sempre espécie de “nostalgia aristocrática” (Elias, 2001) do tempo

em que a elite dominava tanto a prática do futebol, quanto o público de associados.

Ademais, num sentido genérico, a ideologia e a moral do *fair play* aspirava à difusão de uma espécie de moral ascética do trabalho e da virilidade, a ser inculcado por uma contínua prática pedagógica adquirida por meio do trabalho corporal, incorporando certos valores, conceitos, visões de mundo, próprios a uma “filosofia aristocrática” adquirida por meio da vida no clube. No início dos anos 1930, o clube era uma verdadeira escola de valores e também uma escola de formação das lideranças, em que se aprendia, em particular, a lidar com as regras, mas também eram inculcados ideais de uma normatividade masculina. Neste sentido, era o jogo o lugar ideal através do qual, a um só tempo, se dramatizavam e se afirmavam os valores eminentemente masculinos (Russel, 1997). Narrativa exemplar, nesse sentido, foi contada por João Havelange:

Quando eu me lembro, completei quinze anos, e lá se vão trinta e seis anos. E vamos voltar a trinta e seis anos quando o pai era muito mais rígido do que hoje. O meu àquela época chamou-me para almoçar consigo na cidade. Eu fiquei deslumbrado. Achei aquilo uma coisa esfuziante, estonteante. Almoçamos juntos e ele me disse: “Olha, meu filho, o senhor agora está se transformando num homem e eu vou lhe entregar a chave de casa”. Eu muito sorridente, muito feliz e já imaginava naquela noite ir a uma Escola de Dança que era o que todo o jovem imaginava, era o primeiro passo de moço de poder sair à noite. Quando terminava o jantar, meu pai vira-se e me diz: “Gostaria de hoje à noite vê-lo nadar no Fluminense.” Eu exuberante que me encontrava disse-lhe que sim. Parti depois dos estudos para a piscina e lá já o encontrei. E, neste dia, ele com muita tranquilidade, muita suavidade, me deu nove mil metros para treinamento. Em batida de perna, nadei três mil metros seguidos, em batida de braços, em tiros, enfim, tudo o que se fazia. E eu pensando na chave e pensando em sair de noite. E assim fui. Acabei de jantar às 21 horas. Quando terminei de jantar, eu olhava para a chave e não tinha força para sair. Então, eu dizia para comigo: ele me deu com uma mão e me tomou pela outra, sem que eu sentisse (Havelange, 1967).

Neste verdadeiro rito de instituição da masculinidade, que é simbolizado pela entrega da chave ao filho varão, aprender a ser homem, entre a aristocracia, significava, num sistema de oposições binárias opondo o sacrifício à vadiagem, a pureza das relações familiares e a segurança da casa aos malefícios e aos perigos do universo da rua, o trabalho ao pecado e assim sucessivamente, essencialmente negar-se às provações, aceitar os sacrifícios inerentes à condição de líder. Mais do que isso, na história de Havelange, o esporte aparece como prova definitiva da conquista de sua condição de homem, “superior”, dominante. O esporte, neste particular, era visto como a mimética do próprio social: consagrar-se na piscina era o equivalente à sagração na vida: a honra de certos indivíduos no mundo social se reflete pela glória esportiva, em que se deve necessariamente triunfar no esporte para triunfar na vida. É por isso, que seria tão perigoso para essas pessoas, o embate com aqueles considerados subalternos na hierarquia social. Para não correr esse risco, decidiram praticar esportes dominados exclusivamente pelas elites, já os que decidiram permanecer no futebol, migraram para a gestão e trataram de reforçar seu estatuto amador, afastando desse espaço os grupos indesejados.

Dos gramados às salas da presidência

É oportuno voltarmos a história de João Havelange sobre seu abandono da prática do futebol:

João Havelange: – Não. Nada. Muito ao contrário. [sobre adaptação dos pais no Brasil] Depois ele foi ser sócio do Fluminense, eu fui menino para lá, aprendi a nadar lá, fui nadador do Fluminense, depois joguei o campeonato juvenil de futebol, em mil novecentos e...

Carlos Eduardo Sarmiento: – Em 1932.

João Havelange: – Em 1932. E fomos campeões. E, veja, eu devia ter dezesseis anos. Então, naquela época foi o primeiro ano que começava o profissionalismo, e quem foi

campeão aqui no Rio foi o Bangu, que tinha três jogadores inesquecíveis: Domingos, Médio e Ladislau. O Domingos foi o maior beque que o Brasil já teve, o Médio é da linha média e o Ladislau é o que eles chamavam meia-direita na época. Três homens formidáveis. E o Bangu foi campeão. E o meu pai não me deixou mais jogar futebol. Porque, o senhor veja as concepções, meu pai era engenheiro; minha mãe, de família de pessoas de indústria na Bélgica, então, viam os problemas de frente. Hoje em dia, todo mundo quer botar um filho para ser jogador de futebol, porque pode ganhar uma fortuna do dia para a noite, não é verdade? Então, o senhor veja o que o mundo se modificou.

Carlos Eduardo Sarmiento: – Mas por que o seu pai não queria que o senhor jogasse futebol?

João Havelange: – Porque havia profissionalismo (Havelange, 2012).

De acordo com Dietschy (2018), o advento do profissionalismo não diz respeito exclusivamente a uma mudança de estatuto jurídico, mas coloca problemas de conotação social e ordem política. Nas décadas de 1920 e 1930, a passagem do amadorismo ao profissionalismo no Brasil, representava a ascensão de grupos marginalizados, dos quais Havelange deveria guardar distância. Não à toa, são citados pelo próprio Havelange os três irmãos negros do Bangu, os jogadores Ladislau, Médio e Domingos. Uma sutil confusão cronológica reforça a força desse símbolo. Na realidade, o Bangu não foi campeão em 1932, mas em 1933. Havelange não faz distinção porque trata os dois anos como partes de um mesmo processo – o ano em que ele desiste do futebol como prática (1932) é o mesmo da ascensão do profissionalismo (1933). O processo individual é inscrito numa dinâmica coletiva e, por isso, Havelange embaralha as datas, trocando os personagens de lugar. Domingos da Guia já havia deixado o Bangu em 1932, quando se transferiu para o Vasco da Gama. Clube operário, marcado pela presença de trabalhadores e negros, o Bangu e seus “três irmãos” são símbolos vivos dessa nova fase do futebol-espetáculo. Neste ordenamento simbólico, eles representavam a emergência de um mundo novo. Nele, o lugar social a ser ocupado por

Havelange era fora dos gramados. Restava-lhe o papel de dirigente de futebol.

Devemos compreender o ingresso das classes populares no futebol, como um processo de acirramento da competitividade futebolística, já que, ampliou a mão de obra esportiva, fazendo com que os grupos de elite perdessem o monopólio da prática, tornando possível e, em muitos sentidos, potencialmente subversivo que os filhos da elite e das camadas médias fossem derrotados por jogadores egressos das camadas subalternas, invertendo a natureza ordenada do mundo social. Entrar nesse embate poderia ser arriscado. Nesse sentido, por exemplo, é que se compreende por qual razão Marcos Carneiro de Mendonça, citado anteriormente, chegou a dizer que o Fluminense deveria se afastar completamente do futebol profissional:

Entrevistador: O senhor como homem que viveu o Fluminense, jogou pelo Fluminense, e hoje frequenta inclusive o Fluminense, o que acha mais importante, que o Fluminense se concentre em torno do futebol, e venha a obter títulos doravante, ou que ele mantenha suas atividades digamos assim, divididas em vários setores esportivos?

Marcos: Pode insistir, insistir, insistir em ter profissionalismo e ter times profissionais, pode buscar profissionais de alta categoria aqui, ali e acolá, mas não tem e não terá nesses anos próximos ambiente para poder lutar com as demais equipes profissionalizadas do Brasil.

Entrevistador: O senhor acha isso certo, ou qual a sugestão que o senhor faria para que o Fluminense venha a obter destaque no futebol?

Marcos: Eu nunca vou dar sugestão nenhuma, porque a minha sugestão é que diante dessa posição que eu acho definitiva seria a renúncia do football profissional no Fluminense, e eu não sou capaz de sugerir isso porque além de ser contra a massa de torcedores que o clube tem, e que são torcedores que tanto esperando para a volta do Fluminense e etc. Nunca vai acontecer, mas é a minha opinião (Mendonça, 1967).

No futebol e nos esportes em geral, a rapidez com que as narrativas sobre as derrotas em campo migram para fora dele é espantosa. O efeito de derrotas no campo, poderia pôr em xeque a legitimidade simbólica do poder político das elites sociais ou, ao menos, de produzir narrativas que colaborassem a essa constatação. Na impossibilidade de se reter o monopólio da prática futebolística, o desengajamento era a opção sem riscos. Por um lado, isso traduziu-se em investimentos de seus recursos políticos, econômicos e simbólicos disponíveis em outras práticas esportivas consideradas mais difíceis de serem praticadas, como os esportes olímpicos, por exemplo, e aqueles praticados em clubes privados, com altas expensas sociais, econômicas e simbólicas. Era preciso, a despeito de tudo, continuar obtendo bons resultados, mantendo certas práticas como exclusivas entre os grupos da elite. Como o espelho refletido da vida social, as elites, que triunfavam na vida social do país, deveriam fazê-lo nos esportes que escolhessem praticar sob pena de pôr em risco o caráter simbólico de sua dominação. Nessa linha podemos entender a resposta de Fábio Egypto, presidente do Fluminense Football Club no fim da década de 1980, quando perguntado por qual razão ele decidiu praticar o golfe e ingressar como sócio no Itanhangá Golfe Clube:

Fabio Egypto: Pelo seguinte, eu jogava basquetebol no Fluminense, mas eu trabalhava numa empresa grande, trabalhava em comércio exterior e, sobretudo, em contato com o governo, assuntos governamentais. E o Presidente da minha empresa, que era [...], que é fundador daqui, era sócio daqui, ele e o pai dele também, que era um excelente golfista e o irmão também, o [...], que era da empresa, ele foi meu padrinho de casamento, então ele vivia me convidando para vir jogar golfe, porque golfe sempre a gente tem contato por pessoas assim da indústria, pessoas do governo etc.

Luiz: O senhor vai receber uma pessoa...

Fabio Egypto: Ai é mais fácil. Eu terminei aceitando o convite e ele é esporte maravilhoso que realmente atrai muito, você depois que começa a jogar não quer mais largar, primeiro porque é sempre num clube maravilhoso,

num ambiente lindo, e depois é um jogo difícil, sendo um jogo difícil encanta sempre aquele que pratica. E eu então aí fiquei aqui, até hoje eu jogo golfe. Comecei com trinta anos (Egypto, 2012).

Não se deve minorar o fato de Fábio Egypto adjetivar o esporte escolhido como “esporte difícil”. Além de todo o custo econômico de se filiar a um clube de golfe reservado e seletivo, a dificuldade atribuída ao esporte obriga um dispêndio significativo de tempo, que só os grupos dirigentes se permitem fazer. Os exemplos peculiares e exóticos de certas práticas esportivas abundam: por quase uma hora, talvez mais, Hélio Barroso, um dirigente do Clube de Regatas do Flamengo, falou sobre a prática da pesca esportiva em alto mar. Daí que tal prática, para além de grande investimento financeiro, considerando que é preciso ter um barco, carteira de algum Iate Clube, alugar uma vaga para o barco, ter um barco, etc., supõe alto investimento social e simbólico, uma vez que é preciso conhecer nas minúcias os diversos tipos de isca, os lugares de pesca, a profundidade em que se pesca, infinitos tipos de peixe. Além de tudo isso, dias a viajar excursionando pelo mundo, afastado das obrigações mundanas. Perguntado sobre o que ele aprendera com a pesca e o que a pesca tinha a lhe ensinar a resposta era quase sempre seca: “Eu sempre fui vencedor, sempre ganhei torneios. [...] Na pesca, você aprende a ser homem; não é muito lugar para mulher não” (Barroso, 2012). Nesses nichos esportivos, portanto, esses grupos justificam sua dominação, além de reforçarem vínculos de solidariedade, amizades e produzirem uma visão de mundo compartilhada, algo fundamental na manutenção do *status quo*.

Considerações finais: o papel da FIFA

No processo de profissionalização do futebol, parte da elite política se afastou da prática futebolística, sem jamais, no entanto, abrir mão do controle de sua organização. O profissionalismo ampliou os espaços para

a população mais ampla na mesma medida em que restringiu o acesso de atletas egressos das camadas superiores. Essa foi, sem dúvida, uma opção ideológica, abraçada por diversos grupos dominantes e regulamentada pela FIFA. A principal estratégia para manter o espaço de gestão futebolística exclusivamente nas mãos dos grupo de elite, evitando o ingresso de segmentos populares como aconteceu com a prática deste esporte, foi reforçar o estatuto amadorístico do grupo dirigente. Isso evitaria, por exemplo, a criação de clubes exclusivamente populares em que os grupos marginalizados fossem, a um só tempo, os praticantes e os gestores do espetáculo. O surgimento da ideologia do *ethos* amador remonta aos primeiros anos de desenvolvimento anos da prática esportiva moderna na Grã-Bretanha, de acordo com Dunning (1992) a primeira vez em que encontrou o uso explícito desde *ethos* foi em 1868. Contudo, é importante notarmos, como ressalta o sociólogo britânico, que esse conjunto de valores sobre a prática desportiva, não encontrava-se sistematizado em lugar algum, existia apenas de maneira “relativamente rudimentar”. Apenas à medida que novos setores vão ingressando no esporte, esta ideologia do amadorismo se reforça e ganha vulto e forma.

O papel da FIFA, nesse cenário, não pode ser negligenciado. O futebol foi um dos primeiros esportes a se profissionalizar em nível global. Certamente, nesse aspecto, teve papel decisivo a pioneira experiência inglesa, que decidiu pela profissionalização ainda no final do século XIX, servindo como parâmetro. Mas a década decisiva foi a de 1920: no Congresso de Paris, em 1924, graças em grande medida à pressão dos delegados da Europa Central, a FIFA passou a aceitar que as suas entidades praticassem o futebol profissional. Composta, em sua maioria, por profissionais liberais, como professores, engenheiros ou médicos, que partilhavam do credo liberal, os dirigentes e delegados da entidade não impuseram resistência à profissionalização dos jogadores. Na ata do Congresso de 1924 e no Estatuto de 1925, percebe-se que a grande preocupação da entidade, era não perder o controle da prática, fosse ela profissional ou amadora. Neste caso, o que se fez foi um movimento de

delegação, isto é, a FIFA passou a autorizar que as federações nacionais admitissem remuneração de jogadores, sem interferir diretamente no assunto. Aquelas federações que optassem por filosofia em continuar como amadoras (Suécia, os Países Baixos e mesmo Alemanha, ou como viriam a ser as do Leste Europeu durante a Guerra Fria) ou, em maior número, aquelas sem condições econômicas de adotar o profissionalismo (o caso de Federações em países onde o futebol não se desenvolveu o suficiente), poderiam permanecer assim.

Não obstante, escritas pelos dirigentes da FIFA, as “regras do amadorismo e do profissionalismo” mantinham a exigência de que os presidentes e os governantes dos clubes não fizessem do futebol uma fonte de lucro, e permanecessem como amadores. Nesse ponto, o texto é explícito: o *status quo* deveria ser mantido (FIFA, 1924, p. 17). Dessa forma, mesmo entre os profissionais liberais da FIFA, a ideologia de que o esporte deveria aparecer como um campo à parte da vida material persistiu. Gerir uma agremiação esportiva deveria ser um ato voluntário, em consequência ser dirigente era uma vocação. Dessa forma, assim como no caso brasileiro, era uma estratégia para consolidar e manter posições de mando e de controle nas mãos de um determinado grupo social. Nos regulamentos da FIFA, a entidade tipificou o problema da seguinte forma:

[...] qualquer que seja o estatuto do jogador, um clube deve, para ser afiliado a uma das associações da FIFA, ser governado de forma exclusiva por amadores e não pode servir como fonte de lucro para estes sujeitos, ou para aqueles que investiram nesse clube de qualquer forma. Aqueles que desejarem emprestar dinheiro aos clubes não podem cobrar uma taxa de juros a razão maior do que três quartos das regulamentadas no território nacional (FIFA, 1924, p. 18).

Aqui, ressaltamos mais uma vez nosso argumento: no mesmo movimento em que se permite a legalidade do profissionalismo entre os atletas, define-se também pelo estatuto amador dos dirigentes. Além disso, também é interessante notarmos, que esse processo está inscrito

numa dinâmica internacional. A permanência do estatuto amador dos dirigentes não deve ser vista, como muitas vezes o foi pela literatura, como uma particularidade do caso brasileiro, símbolo do “arcaísmo” da administração do futebol em nosso país.

A cisão entre dirigidos e dirigentes fez parte de uma estratégia da FIFA e das demais Federações para que os dirigentes de futebol retivessem tanto quanto fosse possível os lucros simbólicos das vitórias de seus respectivos clubes e selecionados nacionais. Uma concertação internacional das elites em nível internacional permitiu à FIFA estabelecer uma linha clara entre aqueles que dirigiam (os presidentes de clube e federações, amadores, que não recebiam salários) e os que eram dirigidos (no caso, os jogadores profissionais, que recebiam salário).

REFERÊNCIAS

AUGUSTO, Sérgio. *Botafogo: entre o céu e o inferno*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

BARROSO, Hélio. Entrevista concedida a Luiz Guilherme Burlamaqui Soares Porto. Acervo pessoal do autor. Rio de Janeiro, 2012.

BLOCH, Marc. *Apologia da história, ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BOURDIEU, Pierre. Programa para uma sociologia do esporte. In: *Coisas ditas*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1990.

BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo?. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1983.

COUTINHO, Renato Soares. *Um Flamengo grande, um Brasil maior: o clube de Regatas do Flamengo e a construção do imaginário político nacionalista popular (1933-1955)*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014.

DAMO, Arlei. *Do dom à profissão: uma etnografia do futebol espetáculo a partir da formação de futebolistas no Brasil e na França*. 2005. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

DIETSCHY, Paul. *Histoire du football*. Paris: Tempus Perrin, 2018.

ELIAS, Norbert. *A sociedade da corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da sociedade da corte*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A busca da excitação: desporto e lazer no processo civilizacional*. Lisboa: Difel, 1992.

EGYPTO, Fábio. Entrevista concedida a Luiz Guilherme Burlamaqui Soares Porto. Acervo pessoal do autor. Rio de Janeiro, 2012.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A dança dos deuses: futebol, sociedade e cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FERREIRA, Diocesano Alves Ferreira. Entrevista concedida ao Museu da Imagem e do Som. Rio de Janeiro, 1973.

FREYRE, Gilberto. *Ordem e progresso: processo de desintegração das sociedades patriarcal e semi patriarcal no Brasil sob o regime de trabalho livre, aspectos de um quase meio século de transição do trabalho escravo para o trabalho livre e da Monarquia para a República*. São Paulo: Global Editora, 2004.

FÉDÉRATION INTERNATIONALE DE FOOTBALL ASSOCIATION. Rules of amateurism and professionalism. In: *Congresso da FIFA, 1924, Paris*. Minutas [...]. Zurich: FIFA Archives, 1924.

FOER, Franklin. *Como o futebol explica o mundo: um olhar inesperado sobre a globalização*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

HAVELANGE, João. Entrevista concedida a Bernardo Borges Buarque de Hollanda, Daniela Alfonsi e Carlos Eduardo Sarmento. Acervo do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC). Rio de Janeiro, 2012.

HAVELANGE, João. Entrevista concedida ao Museu da Imagem e do Som. Rio de Janeiro, 1967.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. Mesas-redondas: da falação esportiva ao futebol falado. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; et al. *Olho no lance: ensaios sobre esporte e televisão*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. “O cor-de-rosa”: ascensão, hegemonia e queda do Jornal dos Sports entre 1930 e 1980. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de (Org.). *Esporte na imprensa e a imprensa no esporte*. Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 2012.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. *O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro (1967-1988)*. 2008. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

HORTA, Francisco. Entrevista concedida a Luiz Guilherme Burlamaqui Soares Porto. Acervo pessoal do autor. Rio de Janeiro, 2012.

HUIZINGA, Johan. *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

LOPES, Sérgio Leite. A vitória do futebol que incorporou a pelada: a invenção do jornalismo esportivo e a entrada de negros no futebol brasileiro. *Revista USP*, São Paulo, n. 22, 1994.

MENDONÇA, Marcos Carneiro de. Entrevista concedida ao Museu da Imagem e do Som. Rio de Janeiro, 1967.

PEREIRA, José Mário (Org.); VIEIRA, Silvia Marta (Org.). *João Havelange, o dirigente esportivo do século XXI*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2010.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

ROCHA, Luiz Guilherme Burlamaqui Soares Porto. *A dança das cadeiras: a eleição de João Havelange à presidência da Fifa (1950-1974)*. São Paulo: USP-Capes/Intermeios, 2020.

ROCHA, Luiz Guilherme Burlamaqui Soares Porto. *A outra razão: os presidentes de futebol entre práticas e representações*. 2013. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013.

RUSSEL, Dave. *Football and the english: a social history (1867-1995)*. Preston: Carnegie Program, 1997.

SODRÉ, Benjamin. Entrevista concedida ao Museu da Imagem e do Som. Rio de Janeiro, 1975.

SILVA, Geraldo Romualdo da. Cartolas: homens que viveram (e até morreram) por um clube. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 27 dez. 1975, p. 12.

